

Sem clemência

Ana Helena Paixão

Manhãs e noites frias. Tardes quentes. Umidade mínima já na casa dos 30%. A seca traz incômodos para todos os habitantes do Distrito Federal. Mas, para quem precisa trabalhar à mercê do tempo, em pleno ar livre, as dificuldades se multiplicam. "A sensação térmica do corpo é muito desconfortável: o frio se intensifica e o calor fica insuportável, como num forno", explica o tenente Wender Costa, assessor militar da Defesa Civil do Distrito Federal. "Por isso, quem está ao ar livre sofre muito", completa.

Operários da construção civil, garis, lavadores de carros, carregadores e ambulantes, dentre tantos outros profissionais, que trabalham longe dos gabinetes acarpetados, conhecem de perto as vantagens e desvantagens de Brasília quando as nuvens escasseiam no céu, a poeira sobe e o sol vermelho castiga. Durante uma manhã inteira, das 7h às 12h, uma repórter e um fotógrafo acompanharam esses trabalhadores anônimos para colher as histórias de quem se esforça diariamente para vencer a baixa umidade nas ruas da capital federal.

Fotos: Julio Fernandes

E do barro nasce um prédio...

O dia mal começou e o ar já está rarefeito nas redondezas de um canteiro de obras na Asa Norte. Os menos habituados à rotina de uma construção começam a tossir. Estranham a mistura de barro, cimento e fuligem espalhada pelo vento. Mas a poeira já não incomoda o auxiliar de construção Joselito Conceição do Nascimento, de 34 anos. "A gente usa máscara de proteção. Mas hoje nem precisei. O dia tá tranquilo", garante o maranhense, enquanto fiscaliza o trabalho de dois caminhões: eles descarregam terra vermelha no canteiro de obras, bem ao lado de Joselito. "No Maranhão, eu trabalhava com fabricação de cerâmica, que também faz muita poeira. Então, a obra já é rotina. Não

incomoda não", garante. Para ele, o difícil é agüentar o sol forte que ilumina o lugar durante toda a manhã. "O calor é insuportável. Tem hora que dá vontade de correr para uma sombra. Quando não tem sombra ou o trabalho não deixa, o jeito é ficar torrando, morrendo de calor", resigna-se. Morador do Distrito Federal há sete anos, Joselito não reclama da sorte nem da seca, que trata com bastante água à noite, "banha" de cacau e creme de pele. "Mas isso só quando ela (a seca) fica braba mesmo." Mas ao frio dessa época do ano ele não consegue habituar-se de jeito algum. "Gosto de Brasília. Mas minha terra é quente. O mais difícil de morar aqui é agüentar, na seca, o frio que

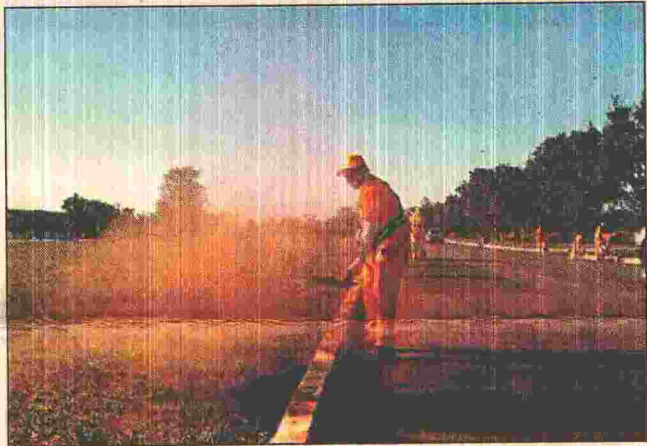


faz de manhãzinha, na hora de sair de casa, e também à noite. Falto congelar. Nessas horas, dá vontade de ir

embora", comenta, arrepiando a pele, mesmo sob o sol, que considera escaldante já às 8h.

Profissão: varredor de poeira

Às 8h30, Domingos Costa e Silva, 57, tenta fazer o impossível: tirar todo o barro vermelho acumulado ao longo do asfalto do Setor de Clubes Norte. Primeiro, varre e forma montinhos de terra junto aos meios-fios. Depois, com o auxílio de uma pá, joga a terra de volta para a grama. No meio do trabalho, o vento faz o



favor de espalhar o barro novamente sobre o asfalto. Apesar de parecer ilógica, a operação é necessária. O objetivo dos quase 70 garis que fazem o mesmo trabalho é limpar tudo para garantir a (re) pintura dos meios-fios. Domingos, que trabalha na função há um mês, ainda não melhorou da gripe adquirida nos primeiros dias de varrição. "Quase morro e ainda não fiquei bom. Na verdade, todo mundo que trabalha com isso vive gripado, ainda mais na seca", revela o também maranhense, que vive no DF há oito anos, e ainda

não se acostumou à falta de chuva. "Minha cidade (Montevidéu —MA) é quente. Mas uma queitura diferente. Lá não tem essa história de lábio rachar, de nariz inflamar, de pele secar como aqui", enumera, enquanto joga mais uma pá de terra sobre a grama — movimento que ele tem de repetir, diariamente, das 7h às 15h20. Como o grupo não tem água disponível e o trabalho é longo, Domingos pede licença e toca o serviço. Segue gripado, suando em bicas e com ainda mais sede do que antes da conversa.

Água que não refresca

José Alves da Silva, 27 anos, trabalha com água o dia inteiro. Um alívio para o calor dos dias secos? Longe disso. Se pudesse, ele jogaria longe seus baldes d'água. Lavador de carros no Setor Comercial Sul, ele descreve o drama de estar perto da água sem jamais se refrescar. "Trabalho como lavador há oito meses e todo mundo pensa que é um vidão. Mas não é. Os carros estão muito quentes. Quando a gente joga água, ela ferve. O vapor que sobe queima a nossa pele", afirma. Pior quando o trabalho é completo. "Dentro dos carros está sempre um forno, a gente cozinha lá dentro. Todos os dias chego em casa com o corpo todo dolorido, não dou conta de fazer mais nada." E no Setor Comercial Sul não tem sombra? "Grande coisa; tem às 18h30. Quem vai lavar carro nessa hora?", devolve a per-

gunta. Apesar das reclamações, José adaptou-se bem ao clima de Brasília. Nascido no Piauí, onde o sol castiga e quase não venta, ele chegou a Brasília em 1997, estranhando o frio e sentindo uma "quentura gostosa" na época do calor. "Brasília fica mais feia agora, porque o clima é seco, as árvores ficam sem folha e a grama marrom. Mas essa cidade é bonita sempre e não tem nada que me faça gostar menos dela", encerra, observando a água escorrer pelo carro já limpo e agora fresquinho.



Mar de água engarrafada

Diariamente, das 8h às 16h, Valdenir Silva Barros, 40 anos, dirige um caminhão e distribui a água mineral engarrafada que vai matar a sede dos habitantes do Plano Piloto. Ele estaciona o veículo, sobe na carroceria e começa a descarregar o produto. Na manhã de quarta-feira, eram 434 galões — cada um com 20 litros de água. "A boléia é quente. Mas prefiro dirigir a ficar aqui em cima, com o sol na cabeça, nesse calor horrível e carregando peso", conta ele, com conhecimento de quem repete essa rotina nos últimos oito meses. Os efeitos da seca, ele e a mulher já conseguiram driblar. A preocupação é com a criança (os filhos de 12, 11 e 3 anos de idade).

"Todo o ano é a mesma história. Tem que comprar creme, soro (fisiológico) e ligar o nebulizador para as crianças não sofrerem tanto", descreve. Maranhense de Imperatriz, em Brasília há 13 anos, Valdenir se entristece ao olhar o cerrado nessa seca de 2003. "Mal começou e a gente já está sofrendo. Acho que a cada ano vai ser pior", opina. "Quando cheguei aqui, tinha nascente de água por tudo quanto é lado. Agora, com tanta invasão, as nascentes foram acabando. O clima muda e a gente sofre", diz ele, contente por ter um galão de água disponível na boléia do caminhão para minimizar, ao menos por hora, os efeitos da seca no Distrito Federal.

Sob o céu da Esplanada

Marlene Souza Santos, 30 anos, se considera uma privilegiada. Nem sempre escolhe onde trabalhar, mas, quando pode, corre para a Esplanada dos Ministérios. "Hoje estou no ponto que mais gosto (em frente à catedral). Mas tudo aqui (na Esplanada) é lindo. Não tem lugar mais bonito nesta cidade. Olha o céu como fica aqui", aponta ela, sorrindo. "Corri para cá hoje assim que soube que ia ter manifestação." Por volta das 11h30 da última quarta-feira, Marlene não tinha do que reclamar em relação às vendas. O estoque de água, refrigerante, sucos e cerveja era sorvido com sofreguidão pelos servidores públicos de todos os lugares do país que participavam da manifestação. "Tadinhos! Quem vem de fora está es-

tranhando o vento e o calor. É a seca", comenta em tom divertido. Apesar de estar sob o sol, sem nenhuma proteção, Marlene, que nasceu em Brasília, não sofre mais com os efeitos da seca. "Se não estiver bem, abro o isopor e resolvo. Chupo gelo, bebo água ou um suco", ressalta. A única preocupação da brasiliense é com os filhos, de 14, 9, 8 e 6 anos de idade. "No Riacho Fundo, onde moro, tem muita poeira e as crianças ficam doentes nessa época, principalmente a caçula. Mas, agora no começo, elas estão bem. Melhores do que este aí", afirma em tom divertido, apontando para um turista que acaba de chegar esbaforido: quer compensar a baixa umidade na Esplanada dos Ministérios com uma latinha de cerveja.

